



MADAME POINCARÉ, esposa do novo Presidente da Republica Franceza—(Cl ché Central Photos)

362 Lisboa, 27 de Janeiro de 1913

assinatura para Portugal, colonias
portuguezas e Hespanha :

4800—Semestre, 2400—Trimestre, 1500

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director e Proprietario: J. J. DA S. LVA-GRAÇA
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Imprensa: RUA DO SÉCULO, 43

Um tratamento efficaz contra a obesidade

VERDADEIRA REVELAÇÃO

para as pessoas que sofrem de excesso de gordura

Os tratamentos contra a obesidade constituem legião, mas os bons remedios são, entretanto, raros. Cumpre fazer uma escolha entre elles, porquanto nem todos merecem o reconhecimento das pessoas gordas. Não desejamos outras provas senão as numerosas cartas que recebemos diariamente e que se podem assim resumir:

«Já experimentei diversos tratamentos taes como os saes purgativos, extractos organicos, infusões vegetaes, friccionei o corpo com pomadas e observei rigorosamente a dieta das bebidas, não obtendo senão um mediocre resultado. Devo desesperar?»

Evidentemente não ha que desesperar. Todos esses ensaios infructuosos provam simplesmente que os nossos correspondentes não empregaram o bom remedio, aquelle que os pode desembaraçar do excesso de gordura, como aconteceu com outras pessoas melhor inspiradas.

Leiam o que escrevem estas pessoas ao Sr. Ratié, pharmaceutico em Paris:

III.^{mo} Sr.

Os resultados obtidos de dois dias do uso de um frasco de *Pilules Apollo* sendo muito satisfactorios, peço-lhe para enviar-me um segundo o mais depressa possível.

M.^{me} B. em Amiens.

II.^{mo} Sr.

Sinto-me feliz por poder informar-lhe de que após uma semana de uso das *Pilules Apollo*, diminuí de cinco libras, o que é enorme para uma primeira semana.

M.^{me} L. P. em Marny-le-Preule (Calvados).

III.^{mo} Sr.

Estando muito satisfeito com o effeito das *Pilules Apollo* rogo-lhe o obsequio de enviar-me um outro frasco; serei feliz por significar este resultado a diferentes pessoas de meu conhecimento, a fim de decidil-as a seguir este tratamento. E' o melhor agradecimento que lhe posso fazer em relação ás suas maravilhosas *Pilules Apollo*.

Jean N. em Saint-Armand-sur-Fier (Marne).

III.^{me} Sr.

Estou encantada pelo tratamento das *Pilules Apollo*. Emagreci de 10 kilos no espaço apenas de um mez.

M.^{elle} Marie C. em Bazas.

III.^{mo} Sr.

Venho rogar-lhe o obsequio de remetter-me ainda dois frascos de *Pilules Apollo*. A pessoa que as

toma encontra n'ellas um verdadeiro allivio; assim envia-lhe do fundo do coração um sincero agradecimento.

J. T. parochio em X.

A authenticidade d'estas cartas é garantida e como não foram pedidas, constituem, entre muitas outras semelhantes, o melhor elogio que se possa fazer das *Pilules Apollo*.

Bastam para demonstrar a sua efficacia ao mesmo tempo que a sua accção bemfazeja.

As *Pilules Apollo* tem por base extractos de plantas marinhas e não contém nenhum producto susceptivel de estragar a saude. O estomago, o rins, o coração não são affectados por ellas e as pessoas que d'ellas fazem uso são unanimes em proclamar allivio e bem estar que sentem.

Este tratamento não se limita a fazer desaparecer a gordura, mas parece agir sobre a causa inicial da obesidade; é por isso que é curativo e não unicamente palliativo.

Produz quasi que instantaneamente o desaparecimento dos numerosos incommodos provocados pela obesidade, taes como: cansaço, congestão, insomnia, oppressão, etc.

O seu effeito emagrecedor cessa com a supressão do tratamento e o resultado obtido pode ser mantido indefinidamente pela observação de simples preceitos hygienicos.

As pessoas a quem o excesso de gordura, por pouco que seja, incommoda farão bem em recorrer immediatamente ás *Pilules Apollo*. Não terão de culpa alguma se demorarem o seu emprego.

J. RATIÉ, pharmaceutico

5, Passage Verdeau

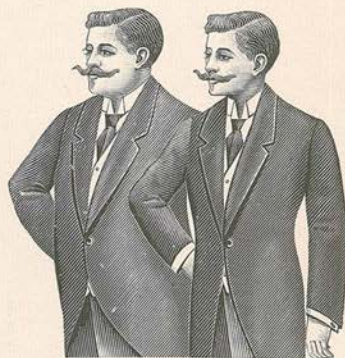
PARIS

Frasco com instrucções 1\$500 réis, franco

Contra vale do correio enviado a

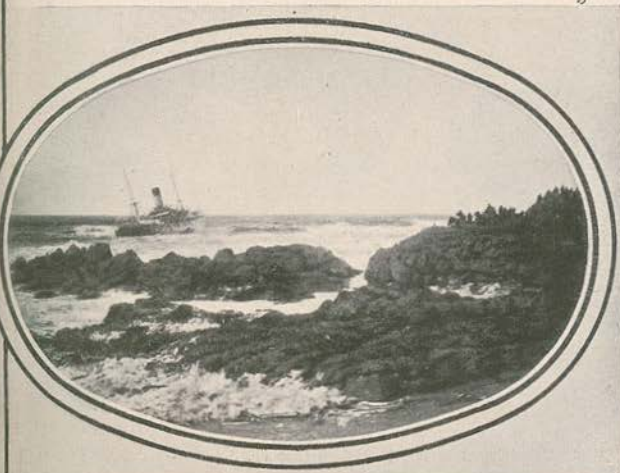
J. P. Bastos & C.^a

Rua Augusta—LISBOA



NAS COSTAS DO PORTO

UMA MEDONHA CATASTROFE



Mais uma horrível catastrophe das aguas fez com que um fremito de dôr e ansiedade percorresse o paiz. Enquanto homens decididos do nosso bom povo buscavam salvar os naufragos, por todo o Portugal, no intimo de todos os

buscar meios de salvação.

O mar, furiosamente, repelia as embarcações que procuravam aproximar-se, levantava-as na crista das vagas, não havendo fôrma de comunicar com o *Veronese*. Eram atiradas para longe, e, tentar

neladas, da companhia Lamport & Holt Line, conduzindo mais de trezentas e cinquenta pessoas e atulhado de carga, encalhou na costa da praia da Boa Nova, a tres kilometros ao norte de Leixões, na manhã de 16 de janeiro, em que o mar estava agitadoissimo, de vagas impetuosas e altas, que batiam furiosamente o seu costado, galgavam o seu convez n'essas horas tragicas. A neblina cerrada envolvia o barco, que apitava, pedindo socorro, na manhã escura. A ronda da aliandega, ao ouvi-lo, correu a



1—O «Veronese», visto do posto da guarda fiscal. (Cliché Pereira Cardozo) 2—Um marinheiro inglez fazendo sinais com bandeiras (Cliché Alvaro Martins)

corações, se desejava que levassem a bom fim a sua rude e generosa tarefa.

O paquete inglez *Veronese*, de doze mil to-

vencer as aguas indomitas era, mais do que heroismo, temeridade. No emtanto, ella praticou-se á idéa terrivel de que, dentro d'aquele



1—Algumas famílias inglesas comendo na praia durante o salvamento.



2—Um aspecto da assistência na praia. (Clichés Alvaro Martins)



das, corria o risco eminente de desaparecer tragado por elas.

Na madrugada escura, deante d'aquêle mar que rugia, havia a compreensão nítida da catastrophe, sentia-se como era horrivel, ali, á vista de terra, vêr morrer toda aquela gente, que as vagas tragariam sem piedade.

Mas não se podia tentar nada contra o mar bra-



barco que se ia afundando, contra cujo casco a agua implacavelmente batia, trezentas e cincoenta pessoas estavam em perigo imediato.

Vinham a bordo mulheres e creanças que choravam desesperadamente, sendo os homens impotentes para as salvar, porque audacioso que se lançasse ao mar, que se atirasse áquelas ondas encapela-



1—Marinheiros da armada, puxando o cabo salva-vidas. 2—Procedendo ao salvamento. Puxando os cabos da boia salva-vidas. 3—O tripé por onde corria o cabo salva-vidas. (Clichés do sr. Alvaro Martins).

vio. De bordo lançaram á agua uma barrica com um cabo, mas as vagas atiraram-na contra uma fraga e despedaçaram-na; de terra atiraram alguns foguetões que riscavam o negrume da madru-

soladora, entre aquele rugir das vagas e os impotentes esforços para salvar os desditosos naufragos.

Passaram assim as horas; rompeu uma manhã cõr de chumbo e viu-se então distintamente, batido pelas vagas espumantes, o *Veronese*, meio tombado, com os seus trezentos e cincoenta naufragos nas amuradas, sendo uma angustia para os corações d'aquella multidão que, até á tarde, assistiu ás improficuas tentativas de sal-



1—O «Veronese», durante o salvamento.

gada, atravessavam o nevoeiro como clarões de esperança logo dissipados, porque nenhum atingia o *Veronese*.

Um, dois, tres... Todos os olhavam anciosamente e nada. Perdiam-se no mar; os cabos de vae-vem partiam-se. E assim até dezanove, lançados pelos bombeiros voluntarios de Matosinhos-Leça. A situação e a, de minuto a minuto, mais afitiva, extremamente de-



2—A peça lança cabos, de Viana do Castelo, fazendo pontaria. (Clichés Carlos Pereira Cardoso).

vação. Por fim um cabo pegou; começou a funcionar e foi uma alegria quando depoz na praia o primeiro naufrago. Era uma linda men na hespanhola, Dorotéa Alcoy,

deante de cuja mocidade e de cuja beleza todos os aflitos naufragos se tinham afastado a darem-lhe o primeiro logar. Chovia torrencialmente e isso ainda mais dificultava os serviços. O cabo de vae-vem funcionava bem e iam chegando sucessivamente outras pessoas. Era uma mãe acarinhando ao peito uma filhinha de oito anos: uma mulher que, apesar de desmaiada, apertava sempre nos braços a creancinha. Chegaram outras mulheres que, no posto medico estabelecido na praia, contavam, entre soluços, o que fõra aquele desastre,



3—O pequeno naufrago, Frank Amskins, conduzido a cavallo para Leça. (Cliché Alvaro Martins).



Marinheiros da armada puxando o salva vidas.—(Cliché Alvaro Martins)

as suas angustias, as horas longas em que todos tinham desesperado de se salvar.

Diziam aquilo chorando, olhando o barco onde havia ainda muitos desditosos. Tinham descido para os porões, desde que o mar levára dois para o seu seio, n'um rapido instante.

A' 15 horas da tarde havia mais de cinquenta pessoas salvas. Na praia erguiam-se as barracas de campanha do regimento de infantaria 6, onde se abrigavam alguns naufragos e um luar de esperanças enchia as almas d'uma comoção estranha, d'uma anciedade enorme.

Começaram então os atos de coragem

individual. O rebocador *Berio* procurava aproximar-se do navio, mas as ondas repeliavam-no sem treguas. A' força de trabalho,

alguns alunos da escola de marinheiros caíam sem alento na areia da praia. As dedicações não faltavam. O perigo era ainda enorme, mas os cabos de vae-vem levavam já comida e agua para os naufragos; continuavam a trazel-os para terra. Isso levou, porém, desde as 7

da noite de 17 de janeiro ás 3 e meia da tarde de 18.

A's 9 horas da manhã saíra de Varzim o barco salva-vidas, que tem o nome glorioso de *Cego de Maio*, que foi rebocado pelo *Berio* e procurou atracar, com mil di-



1—Eduardo Griffiths, de 17 anos, tripulante do *Veronese*, conduzido para terra por um inglez. 2—A condução dos naufragos para os postos da Cruz Vermelha. (Cliché do sr. Alvaro Martins).

ficuldades, ao *Veronese*. Foi um alívio; foi uma grande alegria depressa dissipada. As ondas não consentiram na

N'aquelas horas de tragedia, em que tantas dedicações se mostraram, em que tanta gente se sacrificou, a eles



1—Condução d'um naufrago para o hospital de Leça

(Cliché do sr. Carlos Pereira Cardoso).

atracação, mas de longe ainda lançou-se uma ancoretta e começaram os trabalhos de salvação dos restantes. Outro salva-vidas, o *Douro*, fazia outro tanto.

Vinham depôr na praia os naufragos e repetiam a travessia, enquanto a multidão, que enchia a praia da Boa Nova e ajudava a socorrer os desditosos, aplaudia esses bravos poveiros, gente do mar ao mar afeita, d'uma dedicação sem limites, d'um heroísmo sem igual.

se deve primacial logar na salvação dos desditosos que, durante tantas horas, viram a morte diante dos seus olhos perturbados, viram os seus em perigo, sofreram todas as dores humanas.

Vinham a bordo tres conspiradores, que foram salvos, e mandados internar pelo governo no ferritinho ber per carinhosamente tratados.



2—Um dos inglezes que mais se distinguiram na salvação dos naufragos. (Cliché do sr. Alvaro Martins).

rio hespanhol, depois de se permitido descanso e de serem

Na tremenda catastrophe pereceram 25 pessoas, ficaram feridas muitas, sendo algumas d'elas em resultado da sua generosidade, da sua ousadia, do grande heroismo com que se lançaram a defender o seu semelhante,

As proprias senhoras inglezas foram d'uma dedicação extraordinaria, fornecendo roupas e comidas e auxiliando os naufragos ao chegarem a terra.

Quando desembarcaram em Lei-



1—Os bombeiros voluntarios do Porto preparando o lançamento.
(Cliché do sr. Carlos Pereira Cardoso)



2—Ernest Hugo, 1.º piloto, ao sair da cesta. Foi um dos primeiros officiaes a vir para terra.
(Cliché Alvaro Martins)

não se devendo esquecer os subditos britannicos tão devotados n'essa obra de beneficencia e caridade.

xões, muitos, já refeitos, agradeciam este auxilio, entoando em cõro o hino inglez, que é uma prece e era uma homenagem.

Vêr na pagina n.º 122, a continuação da catastrophe)

A CASA PORTUGUESA

A historia da habitação humana é um dos mais interessantes capitulos da ciencia etnografica.

O homem primitivo teve por primeiro abrigo uma caverna ou a anfruosidade d'algum rochedo. Em seguida, modificadas as circumstancias da vida e revelando já um certo desenvolvimento intelectual, apparecem os primei-



meiramente nas escavações naturaes, que tambem utilisou para, piedosamente, depositar os restos dos seus mortos, e onde deixou fartos vestigios da sua permanencia, que o e, cuidadosamente interpretados, dão uma lucida idéa do seu grosseiro modo de viver. Com a introdução do uso dos metaes, nos alvôres da historia, construiu cabanas circulares, cujos restos abundam em Sabroso e Citania de Briteiros, nos arredores de Guimarães; em Monte Redondo e Santa Marta, nos arredores de Braga; em Santa Luzia, junto a Viana do Castelo. Ca-

1—A caverna, primeiro abrigo do homem.

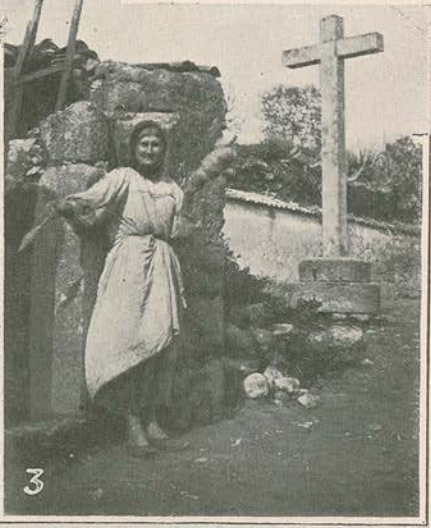
banas circulares, cujos restos abundam em Sabroso e Citania de Briteiros, nos arredores de Guimarães; em Monte Redondo e Santa Marta, nos arredores de Braga; em Santa Luzia, junto a Viana do Castelo. Ca-



2—Um barco velho transformado em armazem na Cova de Lavos.

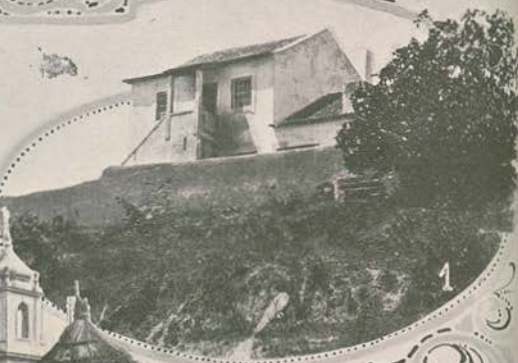
ros abrigos artificiaes, constituídos por imitações rudimentares da caverna, ou por um simples biombo formado por ramadas e troncos d'arvores, biombo que, por adições successivos, conduz á cabana de base circular e fórma cilíndrica conica, que constitue o tipo comum da habitação artificial fixa primitiva. Esta linha de evolução está perfectamente constatada pelos especialistas na observação dos selvagens modernos mais atrazados.

Em Portugal, o selvagem, nosso rude antepassado da epoca da pedra lascada e polida, seguiu as successivas *étapes* que observámos na marcha ascendional da humanidade. Habitou pri-



3—Velha fiandeira. Duas ruínas... Condeixa.

sas retangulares, mas de diminutas dimensões, aparecem-nos conjuntamente n'estas localidades, bem como em Santa Olaia, nos arredores da Figueira da Foz, estação da primeira idade do ferro, sabiamente ex-



- 1—Casa rural de escada exterior e patamar alpendrado, em Tavarede.
- 2—Uma eira de milho junto ao convento de S. Marcos em Tentugal.
- 3—Casa rural de varanda reentrante e escada com patamar alpendrado o chamado tipo de casa portuguesa, em Torre de Vilela.
- 4—Casas de agricultores nos campos de Coimbra.



plorada pelo dr. Santos Rocha.

Com os romanos encontramos as suas casas tão características. A casa romana era construída ordinariamente segundo um plano invariável: compunha-se de duas partes principais: o *atrium* ou *cavedium*, lajeado pelas dependências, e o *peristylum*, em seguida ao qual estavam os anexos, que ficavam ligados ao resto do edifício por um corpo intermedio, o *tablinum*, ou ainda por um ou dois corredores, *fauces*. As variantes, se as havia, eram apenas na grandeza, numero e disposição dos compartimentos feitas, na proporção da fortuna do possuidor ou em relação á natureza espe-



cial do terreno. Restos d'estas edificações abundam em Portugal: encontram-se em Condeixa-a-Velha, ornadas com os seus ricos pavimentos de mosaico policromo, as suas colunas de tijolo discoide revestidas de estuques canelados, imitando perfeitamente a pedra, e que hoje se podem admirar, habilmente restauradas, no Museu do Instituto de Coimbra; em *Nabantia*, nos arredores de



1—Ruínas de casas romanas em Nabantia (Tomar). 2—Casa de varandim, escada exterior nas Torres, região do Montego alprete.

Tomar; no Algarve, a cada passo, e em tantos outros lugares. Os vestígios arabes no nosso paiz são d'uma certa raridade, se excetuarmos as moedas e os produtos ceramicos que, no sul, com alguma frequencia se encon-



3—A casa de Subripas, em Coimbra, (1514) construída sobre parte d'uma torre e o muro de barbacã da cidade pelo vereador João Vaz.



4—Eireira, aldeia n'uma ilha des campos do Montego, junto a Montemor.

tram. Restos de construções, talvez de casas de habitação, só conhecemos os lindos capiteis de marmore branco, pertencentes a um edificio descoberto no castelo de Montemor-o-Velho, hoje guardados nos museus de Coimbra e Evora, e outros dois admiraveis capiteis decorados com versiculos do Alcorão, em caracteres cuficos, que estão no museu de Santarem. Pela riqueza da decoração d'estes reduzidos fragmentos podemos concluir que os edificios d'esta epoca não deviam diferir muito dos seus contemporaneos que restam ainda hoje bem conservados na vizinha Hespanha.

O tipo da casa, outr'ora como hoje, sobretudo da casa dos pequenos centros, onde os progressos da arte mēnos se fazem sentir, e em que, por consequencia, os elementos tradicionais atuam com maior vigor, resulta forçosamente da estrutura geologica do solo,



torna encarecer a importancia e extraordinaria vantagem de um semelhante inquerito: além de esclarecer um dos mais interessantes capitulos da etnografia portugueza, até hoje apenas tocada superficialmente em alguns pontos, ficando os tipos regionaes cujo tradicionalismo a influencia civilisadora do progresso industrial tende a pouco e pouco a anu'ar e destruir, denunciaria curiosissimas sobrevivencias de passadas eras, e seria uma fonte inexaurivel de inspiração art'stica, a melhor fonte a que deviam constantemente recorrer todos os que amam acri-



do clima local, dos materiaes de construção, do genero de vida dos habitantes, das suas condições economicas, é, em suma, resultante fatal das circumstancias do meio fisico e social.

Para se obter um conhecimento perfeito dos diferentes tipos de casas nas varias regiões de Portugal, seria mister proceder a um inquerito minucioso sobre as condições da habitação, á semelhança do que ha poucos anos se realisou em França sob tal orientação, sendo no entretanto necessario n'esse empreendimento extremar com cuidado os tipos ruraes dos tipos urbanos, porque n'estes ultimos a influencia das diferentes escolas artisticas eruditas teve com certeza muito maior incidencia afastando-as dos tipos genuinamente tradicionaes.

Escusado se

soladamente a nossa patria n'um legitimo aneio d'um renascimento artistico verdadeiramente nacional. Em vez de se construírem *chalets*, essa amalgama inestetica e incaracteristica de pedaços de pedra e retalhos de madeira, pintalgados de côres berrantes, que a fantasia inculta dos proprietarios batiza petulantemente com o nome de *vivenda, tugurio, vila,*



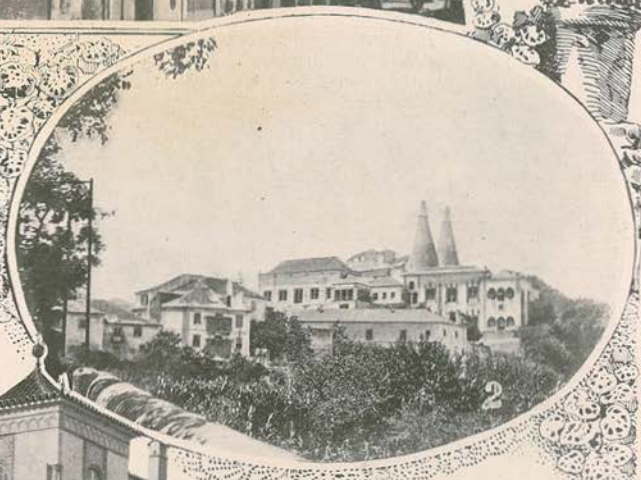
1—Janela da casa quinhentista do Botão. 2—Casa de quinta em Maiorca.
3—A casa do sr. Ricardo Severo, na rua do Conde (Porto).

adicionando-lhe o prenome da filha mais velha ou da santa da sua maior devoção, construções sem beleza, sem decoração apropriada, sem comodidade, brigando quase sempre com a localização e com o aspecto gera da paisagem, quanto melhor seria emitir os modelos de ao pé da porta!

Ouçamos sensato conselho de um crítico autorizado, que é ao mesmo tempo um filósofo da escola de Ruskin: «tens ao pé de ti essa casita da Beira, toda de pedra, bem solida, caia e é limpa, baixa, como nos convém, entre o arvoredo e as ramadas, que dão sombra no verão e deixam penetrar o sol no inverno, com a escada e o alpendre estendidos na frente de toda a habitação, onde no estio trabalhas com tua família e onde recebes os amigos e os clientes nas horas de calma. Viveram assim teus avós. Imitando-os, has de esquecer-te de ti, para

tugueza, interpretada superiormente e adaptada ás necessidades do viver moderno, construíram-se já no nosso paiz com os mais

lisongeiros triunfos da critica! A casa do conde d'Arnoso, em Cascaes, a que se seguiram as de Manuel Gomes, no Mont'Estoril, e de Jorge O'Neill, na visinhança da primeira, devidas estas duas ultimas a projetos



1—Casa dos bicos em Lisboa. E' a parte inferior da antiga casa da Associação do Comercio Maritimo da India, cujo andar superior desapareceu pelo terramoto.
2—O paço de Cintra. 3—O chalet do «Seculo» na Avenida Cinco d'outubro.



do pintor Francisco Vilaça, que é também um arquiteto distinto, marcam, se não estamos em erro, o início d'uma serie, que os projetos da *Construção Moderna*, devidos ao afamado arquiteto Raul Lino, vem completar e desenvolver com o mais completo exito. Outras construções obedecem á inspiração tradicional, lembrando-nos agora, a casa do sr. Roque Gameiro, na Amadora, e a do sr. Ricardo Severo, no recanto silencioso da rua do Conde, no Porto.

te fundires em qualquer coisa indefinida, que começou antes de ti e te ha de sobreviver. A patria está n'isto.» Casas de habitação em que predomina a orientação tradicionalista por-

Na região central do paiz os tipos de casa popular multiplicam-se obedecendo com certa fatalidade ao determinismo mesológico.

Na costa ma-



ritima, a Cova de Lavos, povoação de pescadores ao sul da foz do Mondego sobre as dunas do Atlantico, é formada por casas de madeira, construídas so-



2—Portico da casa romana restaurada com materiais romanos das ruínas de Condeixa-a-Velha.

bre estacas altas, para evitar, dentro de certos limites as consequências prejudiciais do movimento das areias n'aquela soleira instável da beira-mar, onde o pescador, como consequência natural da sua profissão, é obrigado a residir. Estes *palheiros*, como impropriamente lhe chamam, mostram uma admirável adaptação do homem ás condições do meio físico; as casas da Cova de Lavos representam curiosas sobrevivências de eras remotíssimas. Com effeito, o seu aspecto e a natureza da construção são os mesmos que presideram, durante as épocas preistoricas, á edificação das casas sobre estacas nos lagos da Europa Central, e que ainda hoje os selvagens modernos usam em diferentes regiões do globo.



1—Casas Cova de Lavos, ao sul do Mondego. 3—Arredores da Figueira da Foz: Moinho.

Caminhando para o interior, vamos encontrar em Tavarede, a poucos passos do velho solar dos condes do mesmo nome, a casa rural de escada exterior e alpendre sobre o patamar da porta de entrada, tipo que vemos repetido na Eireira, povoação do *Mondego campestre*, e mais desenvolvido e completo em Torre de Vilela, já nos suburbios de Coimbra.

A casa rural de Torre de Vilela com a sua escada exterior de patamar alpendrado paralela á fachada e a sua varanda reintrante sustentada por duas elegantes colunas de pedra representa um tipo muito espalhado em Portugal, a que alguns chamaram *casa portuguesa*.

Na região do «*Mondego alpestre*», chamamos assim, além da Portela, terreno schistoso e alcantilado, a casa mais vulgarizada é a de escada exterior com o seu varandim alpen-



4—Janela manuelina em Tentugal; na parte inferior tem a seguinte inscrição: João Alvares me fez e seu irmão Pedro Alvares. Era 1501. 5—Casa da Cova de Lavos.

drado, adaptando-se maravilhosamente às condições da povoação d'encosta. D'este tipo são as casas das Torres e dos Anagueis e da grande maioria, senão da totalidade das aldeias do vale do Mondego e do Ceira, que mostram rudemente em toda a pujança o elemento tradicional, arredadas todas as influencias artisticas eruditas.

Velhas casas solarengas, edificios de aspéto senhorial, existem tambem n'esta região. Em Coimbra, dentro da cidade, o paço episcopal, construção típica do seculo XVI, e a casa de Sub-ripas, construída em 1514.

Em Tentugal vamos encontrar o paço dos

tanhêdas Cabraes de Moura e Horta, construção do seculo XVIII, e em Favaredo, nos arredores da Figueira da



1—Solar das Castanhêdas: Cabraes de Moura e Horta em S. Silvestre nos arredores de Coimbra.

Foz, o paço dos condes de Tavarede, construção parte antiga parte moderna, que imprime na paisagem d'aquelle rasgado vale certo cunho aristocratico.

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.

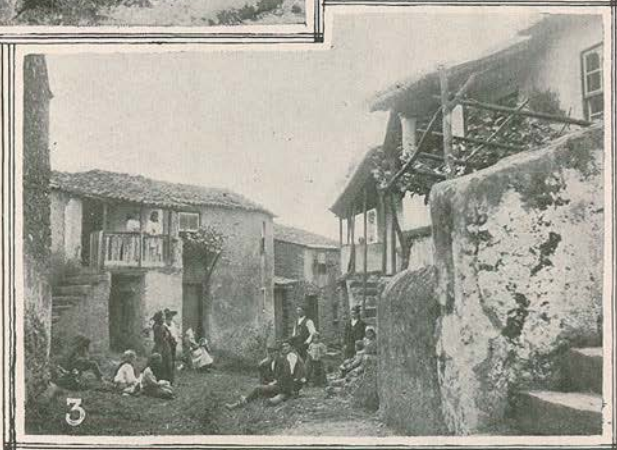


2—Uma casa de taipa em Sant o Varão região do Mondego.

duques de Cadaval, com o seu vasto pateo ladeado pelo celeiro enorme, e pela cape'a, em ruínas, de estilo ogival, em cujos telhados e fachadas as chaminés exteriores imprimem curiosos efeitos decorativos.

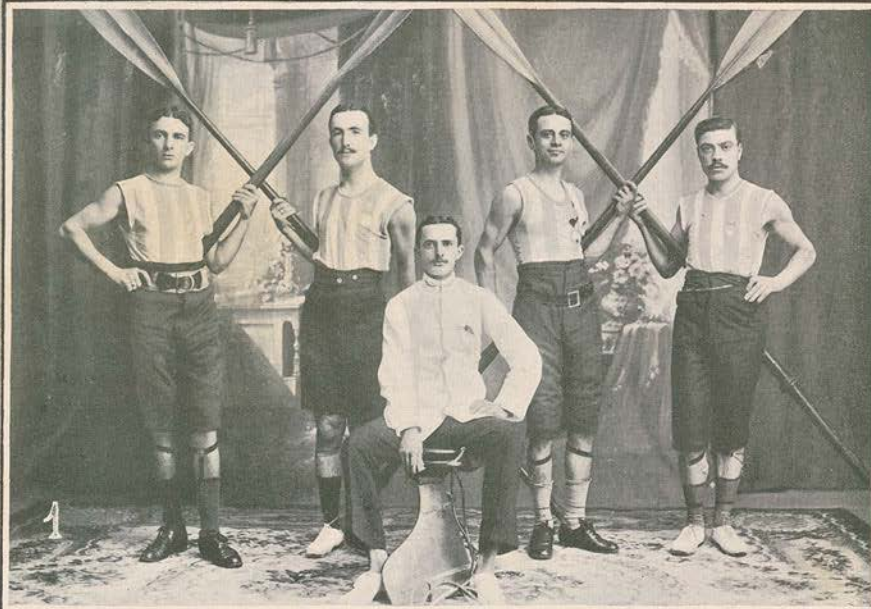
Bem merece este curioso edificio estudo mais desenvolvido e detalhado.

Em S. Silvestre deparase-nos o solar dos Cas-



3—Um domingo na aldeia. Casas dos Anagueis. (Chichês do autor).

PORTUGUEZES NO BRAZIL



1—Tripulação composta de portugueses e brasileiros e que venceu no «outrigue» 7 de Setembro o pareo municipal, oferecido pela intendência do Rio Grande na comemoração do aniversário da Republica brasileira: srs. Trancredo Paiva, proa, brasileiro; Albano Guedes, sota voga, português; (sentado) sr. João Touguinha, patrão, filho de português; srs. Jorge Futuro, voga, português; Mario Guimarães, sota proa, português.



2—Os portugueses que festejaram a data de 5 de outubro em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, no Brazil: srs. Ferrnando Madeira Veiga, José Gomes Teixeira, J. Guimarães, Sittilá Hyarup, Sebastião Marques, Abel Ribeiro, Antonio Neves, José Antonio Ribeiro.



CORPO DE MARINHEIROS: O novo comandante, capitão de mar e guerra sr. Alves Loureiro, cumprimentando o seu antecessor, capitão de mar e guerra sr. Ladislau Parreira, por ocasião de sua posse, em 15 de janeiro de 1913. (Cliché de Benoliel)

VIDA COLONIAL

O RIO QUANZA



1—O final d'uma excursão no rio Quanza: o governador na lancha a vapor, com as pessoas que

acompanharam, afim de recolher ao Dondo.

Espalhados pelo interior de Angola, os nossos compatriotas fundam povoações essencialmente commerciaes, algumas das quaes chegam a ter uma importancia notória; a sua actividade, porém, estritamente resumida na permuta, olhando com pouca attenção para as empresas industriaes ou agricolas, cedo abandona as suas primeiras installações e avança para o interior a originar novos nucleos populacionaes, votando a um rapido deperescimento os, por vezes florescentes agrupamentos primitivos.

O Dondo é uma pequena vila commercial, á beira do rio Quanza. Outra ora impor-

tantissima, chegando a ter mais de cem estabelecimentos commerciaes, um teatro, um vice-consulado, uma banda municipal — não escapou á regra geral. Hoje está decadente; aquilo que n'outro tempo brilhava não é atualmente mais que um montão de ruínas, interrompidas, aqui e além, por umas quinze a vinte casas reduzidas

a uma permuta quasi miseravel; é preciso possuir o ardente patriotismo portuguez para ainda continuar lutando e resistindo no meio de circunstancias de tal modo desanimadoras.

Se as condições commerciaes da localidade não são prosperas, em compensação a natu-

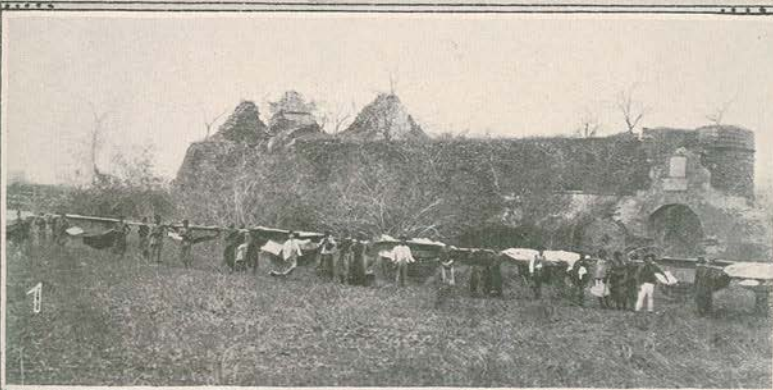


2—Rio Quanza: uma cachoeira a montante da vila do Dondo.

reza prodigaliza-se em belezas e magnificencias. A exuberante vegetação terrestre e a surpreendente paisagem fluvial associam-se, patenteando ao visitante um espectáculo encantador. Duas horas a montante

quida que o sol irisa com um facetamento de milhares de diamantes. E' uma verdadeira *féerie* de sonho.

Estes logares foram ultimamente visitados pelo governador geral de Angola, major Norton de Matos, que



do Dondo, a navegabilidade do rio Quanza interrompese por uma serie de quedas de agua e grandiosos penedos marginaes, que produzem uma visão soberba, não inferior ás dos caudalosos rios americanos. As aguas precipitam-se, fazendo um estrondo ensurdecedor e o seu embate nos penhascos levanta no ar uma permanente poeira li-

ficou muito agradavelmente impressionado com o deslumbrador cenario que lhe foi dado contemplar.

Natureza, solo, clima—tudo é magnifico e compensador em Angola e o *Portugal africano* é bem digno dos carinhos e atenções do *Portugal europeu* e—quem sabe?—talvez seu futuro substituto...

B. V.



1—Uma excursão ás ruínas de Cambambe, antiga sede do concelho. Vê-se ao fundo o que resta da antiquissima igreja e convento de frades. 2—Margem esquerda do rio Quanza, junto ás primeiras cachoeiras, a montante da vila do Dondo. Da direita para a esquerda: governador geral de Angola, Norton de Matos; capitão Bragança; diretor da Agricultura, major sr. Mimico Guerra; delegado de saúde do Dondo, tenente dr. B. Velho; tenente-farmacêutico Marques da Naia, reverendo Fernandes, no plano inferior o sr. João G. Figueira, comerciante sr. Valentim Chaves e sr. J. A. Galho, tenente de reserva.

Um Porco Monstro



do focinho á cauda, 2 metros e quarenta centímetros. De altura 1,^m 10; largura de lombo 0,^m 42; circunferencia entre barriga e costelas 1,^m 91.

O seu peso é, aproximadamente, de 450 kilogramas.

Por este belo exemplar que em dois aspectos diferentes oferecemos á curiosidade dos nossos leitores, já alguém

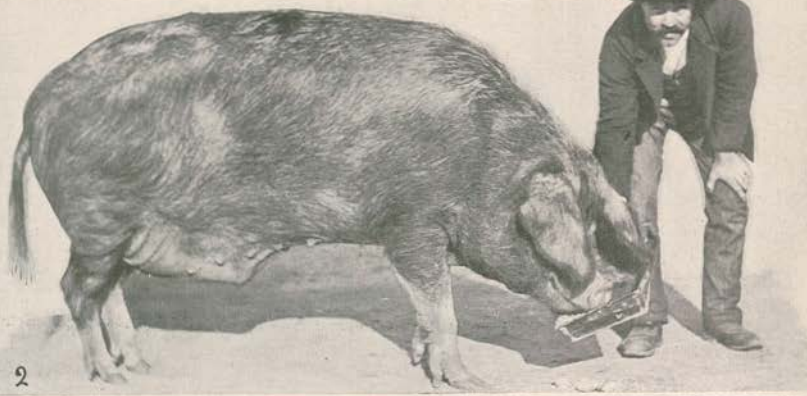
quiz dar a quantia de 300\$000 réis para ser exposto ao publico na feira d'Agosto.

O seu possuidor, porém, não se quiz desfazer do animal conservando-o até á data para desvanecimento dos seus olhos e pasma de todas as pessoas que o admiram.

Na pitoresca povoação de Samora Correia acaba o nosso colaborador fotografico sr. José Maria Coutinho de descobrir um animal que, pelas suas extraordinarias dimensões, constitue a admiração de todas as pessoas que teem occasião de o vêr

É um belo exemplar da raça suina pertencente ao sr. Antonio Augusto Lopes e que mede de comprimento,

1



2

1 e 2—O belo exemplar suino.

VIDA COLONIAL = NA LUNDA =

Aos esforços e á boa vontade dos habitantes de Dala Quinguangua se deve o seu grande desenvolvimento. E' aquele ponto uma das partes do

rior em sitios onde ninguem mais se atreve a ir. N'essa região da Lunda muitos portugueses se instalaram tendo tornado prospera a terra e obtido por um

verdadeiro milagre d'esforços patrióticos, resultados muito apreciáveis, como o governador geral d'Angola, sr. Norton de Matos, teve ha pouco ocasião de apreciar, quando da sua visita, que o deixou bastante satisfeito. E' sempre agradável constatar os nossos progressos coloniaes e as condições de tra-



nosso dominio colonial menos ferteis, sendo necessario um grande engenho e trabalhos violentos para se conseguir a produção magnifica que hoje já ali se nota.

E' isto que a firma bem quanto o portuguez é um excelente colonizador e como não se poupa a fadigas para conseguir tornar os terrenos

menos capazes de cultura em excelentes fontes de receita. Leva anos mas não desanima. Fixa-se n'um ponto e vence, por fim, á custa de tarefas e de esforços, assim como faz as mais arriscadas travessias para o seu comercio, percorrendo o inte-



balho e de adaptação dos portugueses que longe da metropole lutam pelo engrandecimento da patria procurando tornar prosperas as regiões onde dominamos com o grande esforço da sua actividade no comercio e nas industrias.

1—Dançando o batuque. 2—Um grupo de europeus em N'Zage. O sr. Manuel Pereira Junior, comerciante em N'zage, está indicado pelo sinal ◇

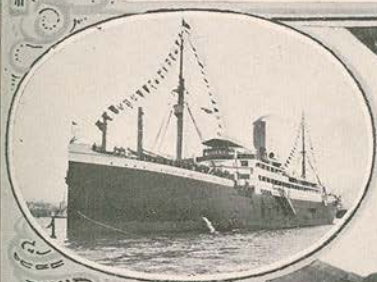


1—O governador geral da provincia, sr. Norton de Matos, e o do distrito, sr. Utra Machado, quando percorreram a região em automovel. Estão sentados nos lugares da retaguarda do vehiculo.

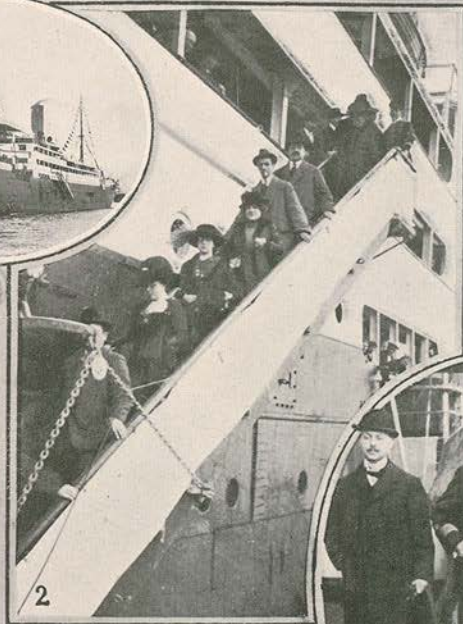


2—Casa da maquina da fazenda agricola dos srs. Afonso & Sobrinho, em Camongela.
(Clichés do sr. Luiz Coutinho)

FIGURAS E FACTOS



1—O Sierra Nevada, que passou pela primeira vez no Tejo a caminho da America do Sul para onde iniciou as suas carreiras.



2

A tração mecânica, representada n'esta circumstancia por modernos e confortaveis *autobus*, veio substituindo pouco a pouco a tração animal dos antiquados omnibus de tejadilho.

Assim desapareceu das ruas de Paris este caracteristico vehiculo, incompati-

2—A descida dos convidados para a festa a bordo do paquete alemão Sierra Nevada.
3—O comandante do Sierra Nevada tendo á direita o sr. Rudolf Brand, representante da direcção da companhia, e á esquerda o sr. Guilherme Lane, agente do paquete.



3

vel já com o movimento febril da vida moderna. O ultimo, que ainda circulava pesadamente entre dois bairros da capital, tão diversos entre si quanto afastados, acaba de efetuar a sua derradeira viagem, n'uma apoteose de troça



4

inofensiva organizada pelo jornal *L'Auto* e complacientemente secundada pela Administração da Companhia. Pertencia á linha La Villette — Place S. Sulpice, e é este que a nossa fotografia representa, na estação de partida do Matadouro da Villette, momentos antes de percorrer o ultimo trajeto.

A. N.

4—O ultimo omnibus de Paris. (Cliché do distinto fotografo amator sr. Alfredo Navarro—Paris)



O senador Alves da Cunha, falecido recentemente, foi um distintíssimo advogado.

Estava filiado no grupo democratico e o seu funeral constituiu uma grandiosa manifestação de saudade.

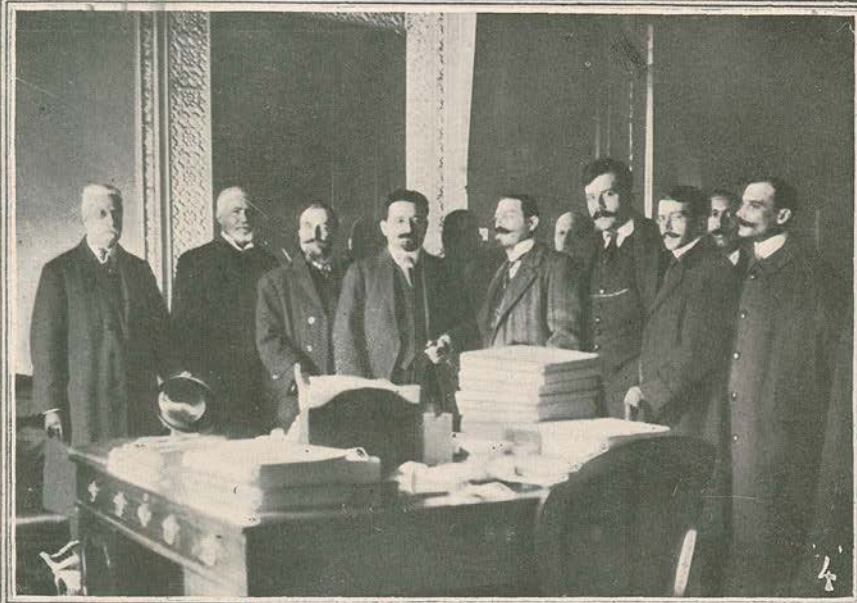


O governador civil de Lisboa é o sr. dr. Daniel Rodrigues, ilustre magistrado, que ao tomar posse do seu cargo foi muito cumprimentado, indo ao seu gabinete numerosas pessoas, entre elas o chefe do governo, sr. dr. Afonso Costa, tendo sido enaltecidas as qualidades do novo chefe de distrito.



Bento de Mantua todos os anos dá ao teatro Nacional uma nova obra, que o publico sempre aplaude, desde a sua estreia com a *Má Sina*.

No teatro Normal continua representando-se com extraordinario successo a *Gente Moça*, a ultima peça do ilustre escritor sr. Bento de Mantua.



1—Dr. Daniel Rodrigues, novo governador civil de Lisboa. 2—Sr. dr. Narciso Alves da Cunha, senador falecido recentemente. 3—Bento de Mantua, autor da peça «Gente Moca», em cena no teatro Nacional. 4—As comissões paroquias e administrativas democraticas e o Directorio cumprimentando o sr. dr. Afonso Costa pela sua ascensão ao poder. (Cliché de Benoliel)

A sr.^a viscondessa da Marinha Grande, recentemente falecida, era dotada de muitas virtudes, sendo das mais inteligentes senhoras da nossa sociedade.

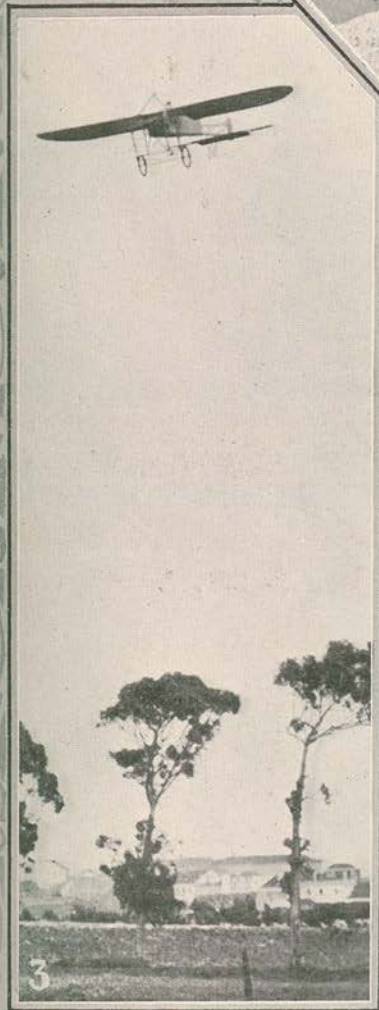


Era madrastra do ilustre poeta sr. dr. João de Barros e do sr. Henrique de Barros, genro do chefe do Estado e um dos seus secretarios particulares.



O sr. marquez de Villasinda, o indigitado ministro hespanhol em Lisboa, é um dos mais distintos dip'omatas do seu paiz, tendo servido com verdadeiro brilho em varios postos e ainda ultimamente, como plen'potenciario, em Tanger, onde afirmou o seu tacto e o seu zelo.

O sr. marquez de Villalobar, segundo corre, irá ocupar o logar de ministro em Londres.



1—Sr.^a Viscondessa da Marinha Grande, madrastra do ilustre poeta João de Barros, recentemente falecida.
2—Sr. marquez de Villasinda, indigitado ministro da Hespanha em Lisboa. 3—O aeroplano do aviador Salles voando sobre o aerodromo de Pedrouços. 4—A posse do novo governador civil de Lisboa, sr. dr. Daniel Rodrigues, a que assistiu, entre outras pessoas, o sr. dr. Afonso Costa. (Cliché de Benoliel)

A CATASTROFE DO "VERONESE"

(Continuado das páginas 97 a 104)



Quando o ultimo naufrago saiu do *Veronese* o seu cap tã agitou as bandeiras dos sinais. De terra acenaram-lhe com len-

ços n'uma saudação. Cumprira até ao fim o seu dever; o seu navio estava perdido; e'e ficara com vida. Ia salvar-se. Enfiou



1—A chegada d'um naufrago a terra. 2—O maquinista conduzido em maca para o posto da Cruz Vermelha.

a boia-calção e, ao chegara terra, foi alvo d'uma grande manifestação, que agradeceu comovidissimo.

Depois de lhe prestarem os primeiros socorros, o capitão, por intermedio dos seus compatriotas, agradeceu toda essa obra esforçada e digna dos que salvaram os seus tripulantes e os seus passageiros.

Foi conduzido n'uma maca e, ao passar em frente do lugar onde o Veronese sos-



1—O tripulante Eduardo Griffiths ao ser conduzido para o posto

sobrava e onde se agitavam ainda furiosamente, soergueu-se e, com as lagrimas nos olhos, fez um gesto de adeus ao seu pobre navio perdido.

Esse gesto do marinheiro causou uma grande comoção.

Depois de instalado na casa de pensão de miss Harris, foi agradecer os socorros e exclamou:

«Nunca vi serviço de socorros tão admirável.

O cabo de vae-vem realisonou o record



2

2—Um tripulante a ser retirado da cesta.—(Clichés Alvaro Martins)



Na Boa Nova: Os preparativos para a montagem do cabo de vae-vem. —(Cliché do distinto fotografo amador sr. João Lopes Pereira.)



do mundo em salvamento.»

A maioria dos mortos são crianças que seus pais choram desoladamente. O comandante, antes de saírem de bordo muitos dos homens da tripulação, ordenou uma busca rigorosa a todos os compartimentos do navio, com receio de que ficasse



ali alguém com vida. Só encontraram cadáveres.

De ha muito que uma catástrofe tão espantosa como este naufrágio do *Veronese* não se dava na costa portuguesa evocando as circunstancias dramáticas do fim do *Ville de Victoire*, ha anos afundado no Tejo.



1—A tripulação do salva vidas «Cego de Maio», da Povoia do Varzim, junto ao salva vidas «Povoia»: (Da esquerda para a direita) Patrão, Manuel Antonio Ferreira, «o Lagoa» e seus filhos Manuel A. Ferreira Junior, «o Lagoa», David Antonio Ferreira, «o Lagoa», Carlos Antonio Ferreira «o Lagoa»; José Gonçalves Gavina, João Gonçalves Gavina, Joséfino Milhazes, David Marques da Rosa, Joaquim P. Rajão, José F. Marques, José da Silva Braga, que serviu de pratico no «Berrio», José L. Macieira, Francisco F. Maravalhas, Manuel Jacob, Joaquim Capelão. 2—Tripulação do salva vidas «Cego de Maio» à porta do posto de socorros da Povoia de Varzim, tendo ao centro o patrão «Lagoa» e o delegado marítimo sr. Joaquim da Costa Junior. 3—Os bombeiros voluntários de Vila do Conde que foram incançáveis na salvação dos naufragos. (Cliché enviado pelo solicito correspondente do «Seculo», sr. José Marques, do Bompastor)

O novo Presidente da Republica Franceza

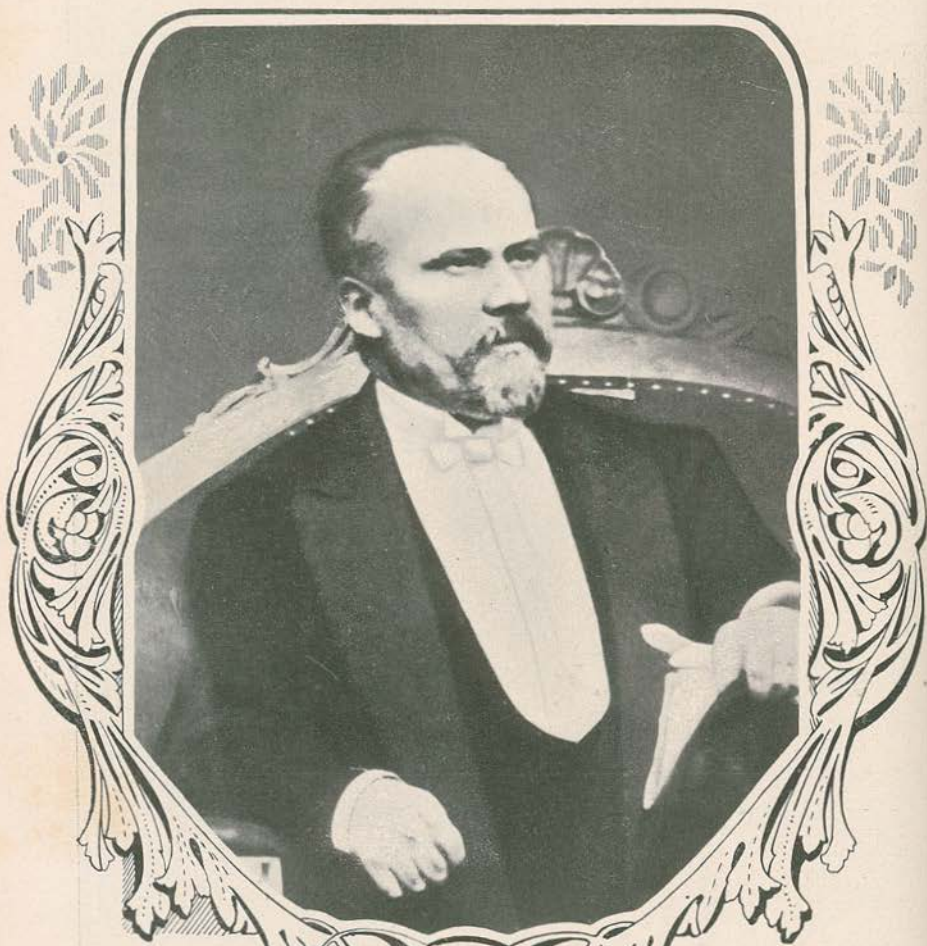
O presidente eleito da Republica Franceza é uma das mais altas mentalidades do seu paiz. Não é apenas um politico na acção da palavra, um diplomata completo, um homem de largas vistas; é, acima de tudo, um intelectual.

Depois de Thiers é o primeiro Presidente da Republica Franceza que bem merece este titulo, de resto consagrado pela mais alta

para ele as atenções da Europa e fizeram com que o seu paiz lhe dêsse a sua suprema magistratura.

A sua acção marcou-se, porém, mais distintamente, chegou mesmo ao seu apogeu, quando, diante do conflito balkanico, ele, ministro dos estrangeiros, soube mostrar o papel digno da França diante dos gabinetes europeus.

Raymond Poincaré, que a imprensa mundial



Mr. Raymond Poincaré, Presidente
Versailles em 17 de Janeiro.

da Republica Franceza eleito em
(Cliché Chuneau Flavien).

distinção que se pôde ambicionar: a de membro da Academia Franceza.

Advogado notabilissimo, antigo redator judiciario do *Voltaire*, deputado desde 1837, a sua carreira tem sido uma continua serie de triunfos, que chamaram

saudou como uma legitima gloria franceza, foi eleito por 483 votos contra 296 da candidatura de mr. Pams, o seu concorrente vencido, mas que durante algumas das sessões preparatorias se julgou prestes a ganhar a eleição presidencial.



1—Uma das salas da comissão onde se reúnem os delegados dos partidos para a verificação dos votos.



2—A sala do Congresso de Verrailles onde foi eleito o presidente da Republica.
(Clichés Central Photos)

A Odissêa do Ex-Presidente Castro, da Venezuela

O ex-presidente Castro, da Venezuela, não desiste das suas audaciosas pretensões. Telegramas recentes de Nova York dizem-no prestes a tentar entrar na Havana e a fazer um golpe de mão sobre a Venezuela. No mesmo telegrama afir-

do-se doente afirmam uns, enfermo na realidade dizem outros, procurando alívios em França, que quando chefe de Estado insultára, mas que generosamente o recebeu. Começou então a sua vida errante, arranjando sempre fôrmas de iludir a vigilan-

mase que comprou em Cuba milhares de espingardas.

Aquele que a si mesmo se intitulou o Napoleão venezuelano e a quem os inimigos chamam o macaco dos Andes, não deixará já mais de desejar o poder, julgando-se predestinado para dirigir a sua patria, á qual tem causado muitas desditas e cuja independencia porá em jogo, visto a America do Norte desejar a paz n'essas belicosas republicas.

Vindos dos Andes com a sua audacia e com um bando, foi o'presi-



O ex-presidente Castro a bordo do navio que o conduziu á America.
(Cliché Archives du Miroir.)

dente descricionario da republica. Acabou por governar a seu belo prazer, desrespeitando até mesmo as propriedades estrangeiras, o que lhe valeu uma demonstração naval holandeza. Uma revolução tirou-lhe o mandato e eil-o a percorrer a Europa fingin-

galomano, pois, para satisfazer as suas ambições, não hesitará em lançal-a na guerra civil.

E' crível, porém, que as autoridades americanas obstem a mais essa tentativa do ambicioso ex-presidente Castro tão audaz e de tão forte resistencia.

cia das autoridades e armar navios, ora na Alemanha ora na Belgica, a fim de fazer o desembarque nos portos venezuelanos. Descobriam-se os seus designios mas não desanimava. Tem a feroz resistencia dos obstinados. Um dia deixou de se falar n'ele. Parecia resignado mas não o estava. Os recentes telegramas o provam, mostrando o aventureiro, que foi chefe de Estado, prestes a tentar a reconquista do poder.

A Venezuela será a vítima d'este me-